A IGREJA E O COMUNISMO

A VOZ DA IGREJA PORTUGUESA SOBRE O COMUNISMO E ALGUNS GRAVES PROBLEMAS DA HORA PRESENTE

O sr. Cardial Patriarca lendo a sua alocução

Na literatura anti-comunista contemporanea ficará ocupando um lugar áparte, um lugar, por mais dum titulo, proeminente, esta Pastoral colectiva do Episcopado português. E' um documento que, sem lisonja nem exagero, honra os próceres que o subscrevem e constitue um motivo de orgulho para a consciencia religiosa do nosso País.

Entre o muito que se tem escrito sobre o comunismo não sabemos se haverá paginas mais vigorosas na argumentação, mais elevadas nos conceitos, mais belas nos primores de linguagem, mais fulgurantes de inteligencia e mais vibrantes de emoção.

Não é apenas um grito angustioso á vista das devastações e perigos do comunismo—síntese viva de todos os erros e monstro prenhe de todos os males que ameaçam a sociedade nos nossos dias; é mais que um depoimento eloquente sobre os factos e uma apreciação critica de doutrinas: é a sentença de condenação formal, irrevogavel, formulada por um juiz que se não deixou subornar nem intimidar, sentença ditada em nome dos valores espirituais indestrutiveis e necessarios á vida do homem e da sociedade; é também um estudo conscienciosO, compreensivo das causas, proximas e remotas, do comunismo, dos seus disfarces e infiltrações, estudo que revela uma penetrante visão dos males de que enferma o Mundo na actualidade; e é ainda, e principalmente, um apêlo á confiança e um convite instante á renovação das almas e da sociedade.

A Igreja, com este documento, vem, na luta sem quartel que aí está travada, marcar a sua posição, formular o seu programa, mobilizar as suas forças e dizer, autorizada pela experiencia de quasi dois milénios, que a vitoria será uma realidade.

*

Ontem á noite, ás 20,30, o locutor da Emissora Nacional anunciava que ia ocupar o microfone o sr. Cardial Patriarca. Efectivamente, instantes depois, em frente dum aparelho instalado no seu gabinete do Paço Patriarcal, o eminente prelado pronunciava as seguintes palavras:

I — Gravidade da hora presente

O voto dos Pastores

1. Quando em Maio do ano passado nos reunimos, os Bispos de Portugal, no Santuário de Nossa Senhora de Fátima, para fazermos o Nosso costumado retiro espiritual, tinhamos os corações cheios de preocupação e angustia perante a vaga ameaçadora dos que negam sacrilegamente a Deus (a Quem é devida tôda a honra e gloria) e pretendem destruir a Religião Cristã, a Familia, a Propriedade, a Moral.

O Vigário de Cristo vinha insistentemente — indefectivel guarda e defensor da herança de Nosso Senhor Jesus Cristo — condenando a impia audácia destes anti-cristos e denunciando o perigo para a Igreja e para a sociedade.

Antes de Nos separarmos, colocámos mais uma vez as Nossas pessoas e Dioceses sob a especial protecção da Santissima Virgem, vencedora de todas as heresias e Padroeira de Portugal, prometendo-Lhe, com solene voto, que ali voltariamos, dentro de dois anos, rodeados dos fieis que seu Divino Filho confiou á Nossa guarda, se livrasse Portugal dos perigos que o ameaçavam e ao mundo, para lhe render, em nome da Nação inteira, devida acção de graças, a Ela que «tantas vezes salvou Portugal».

O exemplo da Espanha

2. O mundo atravessa uma crise gravissima, em que não é dificil descortinar até, ás vezes, a acção de Satanaz.

Ainda agora, em Espanha, o odio satanico a Cristo se traiu (mais claramente que em outra revolução anterior), na sistematica profanação do que é eucaristico e na sangrenta perseguição das pessoas consagradas a Deus.

Segundo informações sérias vindas a publico, numa extensa parte da Espanha as igrejas têm sido sistematicamente incendiadas e teriam sido até agora assassinados 11 bispos e cerca de 6.000 sacerdotes, sem contar as religiosas que tiveram a mesma sorte (1).

Há coisas que se explicam pelas paixões humanas desencadeadas. Mas nestes ministros de Cristo e virgens cristãs cruelmente imoladas em numerosa hecatombe, por pertencerem a Cristo, não pode deixar de se ver a demoniaca raiva que insultou, cumulou de ultrages e pregou na Cruz o Filho de Deus.

A Igreja de Portugal inclina-se respeitosa e suplicante diante desses gloriosos martires de Cristo e da Igreja, pedindo-lhes que alcancem da misericordia divina, para a sua pátria, o perdão dos crimes e a paz de Cristo.

O comunismo é um flagelo universal

3. O comunismo ateu ameaça a civilização cristã como um flagelo universal. O machado agora está posto ás próprias raízes, que não só a um ou outro ramo da arvore.

A revolução dos nossos dias é uma revolução totalitária, que não atinge apenas uma ou outra instituição, mas o próprio ideal cristão da vida.

E' a mais satanica e retrogada de todas as revoluções; porque pretende destruir a obra da Igreja de Cristo no mundo—que é a própria continuação da obra da Redenção.

(Continua na 7.ª página)

(1) «L'Osservatore Romano», numero de 1-2 de Fevereiro. Posteriormente, os jornais publicaram um telegrama da agencia «Havas», segundo o qual o Em.mo Cardial Primaz de Toledo calcularia em 6.000 os sacerdotes assassinados.

«Guia Geral de Caminhos de Ferro, Aviação e Turismo»

A IGREJA E O COMUNISMO

(Continuado da 1.ª página)

Esta obra restaura os imprescritiveis direitos de Deus, fonte e principio de todos os outros direitos; resgata, regenera e eleva o homem, comunicando-lhe por um misterio de amor a própria vida de Deus, que o torna Seu filho; estabelece as leis da justiça e da caridade, que asseguram os direitos e deveres humanos.

Por isso o Santo Padre Pio XI, denunciando os perigos do comunismo, o declara «o inimigo comum que ameaça tudo e todos, até o santuario da familia, o Estado e a sociedade». Constitue, não só para a Igreja mas ainda para a sociedade, um «imenso perigo», contra o qual não basta empregar o recurso dos meios puramente humanos, mas é necessario ainda recorrer ao auxilio divino pela oração.

«O primeiro perigo, o maior e o mais geral, adverte ainda o Vigário de Cristo, é certamente o comunismo em todas as suas formas e graus—porque ameaça tudo, apodera-se de tudo, infiltra-se em toda a parte, aberta ou disfarçadamente, para atingir a dignidade individual, a santidade da familia, a ordem e a segurança da comunidade social e, acima de tudo, a religião, indo até á negação aberta de Deus, e mais especialmente da religião catolica, a Igreja catolica».

Este «perigo grande, total, universal» nem sempre toma as formas violentas e impias de que se revestiu na Russia e na Espanha, por exemplo; não deixa, por isso, de ser fundamentalmente anti-cristão, e até se torna «mais perigoso», como ensina o Papa, porque mais fácilmente penetra em certos meios (1).

O comunismo é anti-cristão

4. O comunismo é essencialmente anti-cristão, porque assenta numa filosofia materialista que nega Deus, o destino sobrenatural do homem, a divindade de Cristo e da sua Igreja.

Mas o proprio sistema economico-social que preconiza — e é consequencia daquela filosofia — é erroneo e contrario aos ensinamentos da Igreja (que é no Mundo a voz de Deus).

Explora com as miserias e injustiças da actual ordem social. Mas antes dele já a Igreja as denunciou e procura cristãmente remediar, e até, se elas ofendem o coração humano, isto se deve á influencia cristã, que ensinou os homens a amarem-se como irmãos e lhes revelou a sua dignidade.

Em rigor, tais sentimentos não cabem sequer no comunismo materialista, que tudo reduz ás leis inexoraveis da matéria, faz do homem uma máquina e prega o odio como processo.

As reivindicações justas que apresenta não lhe pertencem como coisa propria ou nova.

Por trás da máscara delas, há a verdadeira natureza do comunismo: uma concepção inteiramente materialista do Mundo, da sociedade e do homem.

É esta concepção opõe-se radicalmente a Revelação cristã. O comunismo nega Deus, a Igreja, a alma; o Cristianismo revela-nos Deus como o Pai celeste a quem toda a glória é devida; e a Igreja como a guarda e mensageira infalivel do ensino e da graça de Cristo; e a alma humana como o principio espiritual criado á imagem de Deus e destinado a viver eternamente na luz e no amor, no seio infinito da Trindade.

Comunista e cristão são coisas contraditorias, que se excluem uma á outra.

Vaga de paganismo

5. Se bem que seja «o primeiro perigo, o maior e o mais geral», como adverte o Sumo Pontifice, o comunismo não é, porém, o unico. Procedendo da mesma raiz materialista outros ameaçam a consciencia e a liberdade cristã.

O homem é naturalmente cristão, segundo a frase de Tertuliano. E quando não adora a Cristo, Deus feito homem, adora sempre em Seu lugar um idolo: classe, raça, nação, Estado...

O nome importa pouco. Este idolo devora os que o servem, como o cruel deus Moloch dos antigos.

E assim é fatal que suceda. Desde que a ordem natural e sobrenatural se perverte, o homem não pode ser senão a vitima de si mesmo.

Nas proprias reacções contra o comunismo se encontra muita vez a sua mesma desordem original: materialismo fundamental, que desconhece a verdadeira natureza humana (a qual só Cristo plenamente revela) e despreza a lei cristã, a unica que nos ennobrece e liberta.

Uma vaga de paganismo invade o Mundo. Representa este a insurreição das três fontes da concupiscencia humana, por onde o mal entra no Mundo, contra a ordem cristã: insurreição da sensualidade, insurreição do orgulho, insurreição da cobiça.

A insurreição das paixões humanas traz consigo necessariamente a escravização do homem.

Já se apresenta por aí, nos teatros e cinemas, nas praias e termas, nos divertimentos e folguedos, a deusa impura dos pagãos, cuja crueldade estes mesmos proclamaram.

Já César quere voltar a ocupar o trono, reclamando a adoração dos subditos, e o dominio absoluto das consciencias, e a adopção do principio de que a sua vontade caprichosa é a regra suprema da razão e do direito.

Já o partido dos sem-Deus agita o facho incendiário, com que sacrilegamente quere destruir os monumentos da civilização cristã.

II — Causa do comunismo e males actuais

Os males da organização economico-social

6. Não vêem a intima natureza do comunismo os que o consideram simplesmente uma desvairada reacção economico-social contra os erros, abusos e injustiças da sociedade actual.

Certamente estas taras da organização social contemporanea são excelente campo de cultura da revolta e da propaganda dissolventes. Bradam aos céus como pecados sociais, que pedem castigo e expiação, se não são remediados.

¿Não declarava na Encíclica *Quadragesimo Anno* o Papa que na nossa época industrial as riquezas, tão abundantemente multiplicadas, «estão mal repartidas e injustamente aplicadas ás diferentes classes»? E não confessava que não podia contemplar sem lágrimas nos olhos a imensa desgraça da situação criada a grande parte dos homens — que «encontra as maiores dificuldades para atender ao unico necessário, á salvação eterna»?

Mas o comunismo quereria resolver tais males precisamente inspirando-se na causa que os produz: pondo na posse dos bens materiais o ideal humano e exacerbando assim os apetites egoistas. O seu triunfo só pode levar a mais injusta desigualdade, ou a miseravel igualdade na escravidão, como se nota na Russia.

O comunismo não pode resolver-se simplesmente numa generosa aspiração de justiça. E' um sistema integral de vida: — parte dum principio materialista, que nega a vida espiritual e sobrenatural do homem; estabelece um programa colectivista, que subordina a pessoa humana ao conjunto, não lhe reconhecendo um fim proprio, absoluto; preconiza um método de violencia e ódio, que, ignorante do preceito cristão da caridade, torna os costumes selvagens.

Que o comunismo não é o mero fruto da miséria verifica-se, não só pelo exame da sua doutrina e efeitos, mas ainda por este facto: que como uma peste, se tem difundido nos meios socialmente mais diversos, até onde as condições economicas e sociais menos o justificam; e que os seus sequazes mais activos não são muitas vezes as vitimas da miseria injusta, mas os operarios mais bem retribuidos.

Em toda a parte se verifica o mesmo: que em tôrno do comunismo se cristalizam as fôrças diabolicas do mal — o ateismo, a guerra á Igreja, o laicismo mais violento, a imoralidade, a rebeldia contra toda a autoridade e disciplina religiosa, moral e civil.

Esta cristalização não é facto acidental. Nasce da afinidade intima, profunda, do principio materialista de que todas estas fôrças procedem.

E até, para dizer tudo, tem de reconhecer-se que o exito da propaganda comunista se deve explicar, em grande parte, por esta procedencia: porque excita os apetites desordenados.

A razão ultima da sua difusão está na alma humana.

A obra descristianizadora do Estado liberal

7. O comunismo, como as diversas formas do materialismo actual, é a ultima consequencia duma longa obra de descristianização.

De há muito que as sociedades cristãs vêm traindo o Cristianismo.

Filhas da Igreja, andam desde há mais dum seculo minando a influencia da Igreja (o que equivale a dizer, a influencia do espírito de Cristo): quer prendendo-a com cadeias doiradas, quer exilando-a da vida publica e social, como se Cristo não fôsse o Divino Mestre de toda a vida dos cristãos, quer perseguindo-a abertamente.

Do Estado moderno o comunismo aprendeu: — o desrespeito dos direitos de Deus e da sua Igreja, olhada esta não como a autentica depositaria dos tesouros divinos trazidos ao Mundo por Cristo, mas como a rival humana que é preciso vigiar e submeter, senão perseguir; — e a concepção laicista da vida (o que pràticamente se traduz em concepção materialista e ateia da vida), pois despreza Deus, que é o senhor e legislador dela, organizando-a como se Ele não existisse; — e a perda do caracter sagrado da familia, que primeiro o Estado começou por destruir, convertendo o casamento em mero contrato civil e legalizando contra a autoridade de Deus o divorcio, que sobrepõe á lei divina o prazer egoista; — e a violação do direito de propriedade,

(1) Discurso de S. Santidade Pio XI aos peregrinos hungaros, em 12 de Maio de 1936.

iniquamente confiscada á Igreja em proveito de muitos contra os quais hoje é invocado o mesmo principio por que foi obtida; — e a redução do trabalho humano ao conceito de simples mercadoria abandonada á dureza da lei da oferta e da procura, sem atenção á sua natureza e dignidade humanas.

O comunismo ateu, assim como o cesarismo pagão, generalizam e concluem o que as sociedades cristãs começaram. Assim como já foi dito que Lutero tirou as consequencias de principios postos por Erasmo, com maior razão se pode dizer que o liberalismo e o laicismo modernos geraram o comunismo.

Quando se rejeita a Cristo na organização da vida e da sociedade, já não resta ao homem senão a alternativa de ser escravo— de Lenine ou de Cesar.

Pois como havia de continuar a florescer a arvore da civilização cristã, cortando-se-lhe as raizes? Espantamo-nos hoje de que ela comece a secar e a cair!

A traição dos cristãos

8. O comunismo é ainda o produto da podridão duma sociedade que se diz cristã, mas não vive cristãmente.

Os cumplices mais culpados do comunismo não são porventura os desvairados ignorantes dos ensinamentos de Cristo, a quem guia uma sincera aspiração de justiça, mas aqueles que se dizem cristãos e desprezam orgulhosamente a lei de Cristo.

Na origem de muito ódio contra a Igreja está a traição a Cristo da vida de tantos cristãos, sacerdotes e leigos.

Não basta, como o Evangelho ensina, para ser discipulo verdadeiro de Cristo, dizer: Senhor, Senhor!, e até frequentar as igrejas com assiduidade. E' necessario cumprir a sua lei, e a perfeição dela é a caridade (1).

Há muitos que combatem por palavras o comunismo—e o vivem e propagam pelos actos: negando a Deus e desrespeitando a Igreja; desprezando as leis santas da familia e da moral; vivendo epicuristicamente da exploração injusta do trabalho alheio; não cumprindo os deveres da justiça e da caridade a que a riqueza obriga; deturpando a verdade por espirito de partido e enchendo o coração de doutrinas de odio e violencia.

Recristianização necessária

9. A maneira eficaz de vencer o comunismo—que nega a Deus—é viver segundo a lei de Deus. A sociedade cristã resistirá tornando-se efectivamente cristã.

O Cristianismo não é só um culto; é também uma fé e uma vida. Todo ele se resume nesta vida—que é a vida de Cristo vivida pelos cristãos.

Que é, porém, a vida de Cristo senão a Vida de Deus: vida que é Verdade, Beleza, Bondade, Amor, Santidade, Justiça...

A vida de Cristo vivida pelos cristãos significa, pois, triunfo neles desta vida divina que Cristo veio trazer á terra.

Hoje o comunismo é apenas aviso e ameaça. Se a sociedade cristã não regressa á sua origem, se ela se não converte, êle acabará por triunfar.

Ou êle, ou outra forma de opressão do homem. Só Cristo nos liberta—porque só Ele nos revela o segredo do nosso destino e dignidade.

O reino de Deus há-de realizar-se. Se os cristãos se lhe opõem, Deus chamará (como já disse alguem) os maus em Seu auxilio.

Não esqueçamos o exemplo dos judeus. Como se tornassem infieis á vocação divina, chamou Deus os gentios á herança...

III — Necessidade de renovação social

O ensino social da Igreja

10. Combater o comunismo não significa o mesmo que defender a ordem social existente com todas as suas injustiças.

A Igreja condena o comunismo, porque o comunismo nega o ideal cristão; nem por isso ela se reconhece nas injustiças sociais do presente.

Leão XIII na Encíclica *Rerum Novarum* denunciou as injustiças da ordem economica do seu tempo e apontou os remedios, com escandalo de muitos que julgavam a classe operaria condenada irrevogavelmente, por cruel lei do progresso economico, a uma imerecida miseria.

Se estas desordens se introduziram foi justamente porque foram postergados os principios cristãos. «Os germes da nova ordem economica apareceram pela primeira vez, diz Leão XIII, quando os erros racionalistas entravam e se arreigavam nos entendimentos, e com aqueles logo nasceu uma ciencia economica afastada da verdadeira lei moral, a qual deixava por isso o campo livre ás concupiscencias humanas».

Pio XI confirma e desenvolve, no *Quadragesimo Anno*, os principios de redenção social dos operarios, que Leão XIII extraira do Evangelho imortal.

Contra as duras pretensões de certa ciencia economica que se emancipara do primado da moral cristã, e por isso desconhecia a dignidade e destino humanos, olhando apenas ao aumento material da riqueza e não ao bem-estar e elevação espiritual dos homens — reivindica para Cristo o direito de orientar superiormente toda a actividade humana, ainda a economica e social, em ordem á realização de mais equitativa distribuição dos bens (que o industrialismo moderno multiplica em vertiginosa escala), os quais sirvam não apenas ao enriquecimento duma classe exclusiva, mas ao bem comum de todas; — reconhece que a classe operaria não tem ainda, em muitos lugares, asseguradas as condições essenciais duma existencia humana e cristã, com o necessario á sustentação da vida da familia, da habitação e da educação; — apela para o Estado a fim de que este empreenda as reformas necessarias pois sem esta obra de restauração da boa ordem social «é inutil pensar que possam defender-se eficazmente a ordem publica, a paz e a tranquilidade da sociedade humana contra os promotores da revolução».

A grande obra social da Igreja

11. E a Igreja tem o direito de ser acreditada, ela que tem realizado no mundo as transformações mais profundas e benfazejas.

Só com comunicar aos homens a revelação do seu destino sobrenatural, transformou o mundo. O homem, a familia, o Estado, o trabalho foram atingidos e ennobrecidos na sua origem.

O homem. E' lugar comum de historiadores apontar como caracteristico da civilização cristã o sentimento de respeito pelo homem. Só nas sociedades que receberam o Evangelho se encontra este sentimento da sua dignidade. E basta ele para as elevar acima de todas as outras, por mais brilhantes ou poderosas.

Desta consciencia da nobreza humana, operada por Cristo, que sendo Deus se fez homem, resultam transcendentes consequencias.

A escravatura, que reduzia o homem á condição de coisa, é ferida de morte. Desde o começo, quem quer que olhasse o escravo com olhos cristãos tinha de ver nele a dignidade humana, remida por Cristo. As cadeias legais da escravidão quebrar-se-iam a pouco e pouco com a transformação social dum mundo que se baseava nela; mas o essencial, a proclamação e libertação da pessoa humana, estava feito, o resto era consequencia.

A mulher, que em todas as civilizações antigas jazia em misera situação de inferioridade, é rehabilitada pelo ideal cristão, que a equipara ao homem no destino, na dignidade e no dever: e ela começa então, ao serviço de Cristo e da Igreja, a sua maravilhosa epopeia da virtude, do apostolado e do martirio.

A criança, que foi remida com o Sangue de Cristo, e que as sociedades pagãs deixavam sem defesa ao tiranico arbitrio do pátrio poder vê-se de repente afirmado o seu direito absoluto á vida (que novamente desprezam hoje, com hecatombes de inocentes no ventre materno, os que voltam ao ideal pagão).

A familia. Ergueu-a e dignificou-a e santificou-a Cristo, constituindo-a por um sacramento, que representa a própria união de Cristo com a Igreja—união santificante, que comunica a vida de Deus ás almas.

Ennobreceu-a a Familia Santissima de Nazaré, onde foi criado o próprio Filho de Deus.

O Estado. Limitando a sua competencia ao dominio temporal, a Igreja ao mesmo tempo dignificou-o. Deu-lhe como limites a moral e a religião verdadeira. Tornou a sua missão, não arbitrario senhorio de quem a exerce, mas verdadeiro serviço publico ordenado ao bem comum. E, nestas condições, transformou a submissão em dever moral.

O trabalho. Considerado como ocupação aviltante pelos antigos, dignificou-o Jesus Cristo trabalhando com Suas mãos divinas em modesto oficio de operario. Salvador e Deus de todos os homens, quis pertencer na terra á classe dos operarios.

Enfim, a Igreja deu sentido á dor, ensinou e inspirou a caridade, fez-nos amar os pobres, e os humildes, e os doentes, como ao próprio Cristo.

Os métodos cristãos da Igreja

12. A Igreja realizou todas estas grandes revoluções morais — as maiores da historia humana — transformando os homens.

Começa por lhes modificar a alma para modificar as instituições Para fazer reinar a justiça, principia por tornar os homens mais justos.

O comunismo (não olhando agora senão ao seu metodo, e prescindindo do que nele é anti-cristão), procede como Spártaco, na antiguidade prégando a insurreição violenta, que vencida conduziu a mais dura escravidão, e vencedora conduziria a maiores injustiças. A Igreja, pelo contrario, «a primeira coisa que fez para melhorar a sorte do escravo e preparar a sua emancipação foi (como disse um filosofo catolico) incultar-lhe a obediencia. Não se prepara o bem do povo fazendo-lhe conceber esperanças insensatas que não poderão realizar-se: isto é engano só próprio de falsos amigos».

A Igreja quere—e exige-o como realização social da dignidade e fim e direitos da pes-

(1) *Non omnis, qui dicit mihi, Domine, Domine, intrabit in regnum caelorum: sed qui facit voluntatem Patris mei qui in caelis est, ipse intrabit in regnum caelorum.* —Mt. VII, 21. *Plenitudo ergo legis dilectio.* — Ad Rom., XIII, 10.

soa humana—todas as reformas justas que assegurem mais equitativa distribuição da justiça e garantam ás classes inferiores o possivel bem-estar e as condições essenciais da vida humana e cristã—mas quere-o por processos cristãos, guardando-se os mandamentos da lei de Deus, que mandam amar a Deus e ao próximo, não matar, não furtar nem cobiçar as coisas alheias.

Bendiz toda a obra realizada pelo Estado neste sentido. Na hora presente, é uma das suas tarefas mais necessarias e mais urgentes. Há pessoas que não têm ainda condições humanas de existencia. Assegurá-las é dever de todos, ainda que importe sacrificios dolorosos. Se a todos o Estado deve protecção, em primeiro lugar a deve aos fracos.

Necessarias e urgentes, as reformas sociais não produzirão toda a sua benefica eficiencia e não lograrão trazer a paz social se não forem acompanhadas dum real progresso do espirito e da vida cristã nos favorecidos dos bens da fortuna e nas massas operarias.

Só este espirito e vida vencerá nos corações as causas dos males actuais, começando por desapegar os homens dos bens terrenos e erguê-los para os bens mais elevados, verdadeiramente humanos.

IV — Razões de confiar

A experiencia vitoriosa da Igreja

13. Diante das nuvens ensombradas que escurecem o horizonte do Mundo o cristão deve alimentar a alma de confiança.

A Igreja tem atravessado crises semelhantes — e venceu-as.

Viu as invasões dos barbaros — e com eles construiu uma civilização nova.

Viu os albigenses — esses comunistas do século XIII — e, com a protecção da Santissima Virgem, salvou os principios da cultura e civilização, dotando-nos com o maravilhoso século das «summas» e das catedrais.

Viu a Reforma, que ateou por toda a Europa o fogo da discordia e da guerra civil, — e dela triunfou renovando-se interiormente e propagando-se exteriormente na America e na Asia.

Podem perturbar-se com as dificuldades do presente os que não conhecem as do passado — e sobretudo não crêem na Providencia Divina (que rege os destinos humanos) e nas promessas divinas de assistencia sobrenatural á Igreja.

A Igreja, farol da humanidade

14. ¡Com que filial e reconhecida confiança nós devemos olhar para a Igreja Catolica, nossa mãe e mestra da humanidade!

Está aí, no meio dos homens, como Cristo, para ser a luz que os guia sem erro e os sustenta sem desfalecimento.

Misturada ás nossas lutas, é o farol que em todas as circunstancias da historia lança sobre as humanas coisas passageiras a luz das verdades divinas, sem as quais a vida humana carece de grandeza e de firmeza.

Contra ela batem em vão e morrem as vagas sucessivas do erro e da desordem humana. Cidadela inexpugnavel da Revelação cristã, encarna em todos os momentos da historia a oportuna mensagem de Cristo aos homens.

A Igreja, defensora da pessoa humana

15. A sua existencia é só por si a afirmação e a garantia da liberdade da pessoa humana. Enquanto existir — e só ela está segura de sobreviver ao tempo — nunca o homem será inteiramente escravizado.

Defendendo, contra o comunismo, os direitos de Deus, e por isso mesmo a ordem necessaria dos valores humanos, que naqueles tem o fundamento, — é tambem o obstaculo invencivel contra a ambição cesariana de tudo submeter ao Estado omnipotente.

Cristo separou o reino temporal e o reino espiritual, mandando dar a Deus o que é de Deus e a Cesar o que é de Cesar. Esta separação é a trave-mestra de toda a civilização cristã.

No Mundo antigo o cidadão era o escravo do Estado. Ser livre significava apenas não pertencer a outro homem. A vida inteira do individuo caía sob a competencia da lei, que regulava a religião e a moral.

Mas Cristo revelou aos homens o reino moral, que depende directamente de Deus. E quando os primeiros cristãos responderam a Cesar, o qual queria manter o dominio das almas, que primeiro importava obedecer a Deus — nasceu no Mundo um Mundo novo: o da pessoa humana.

A Igreja diz ainda hoje o mesmo a todos os que querem apossar-se tiranicamente das consciencias.

O cristão foi libertado em Cristo. Tem um destino proprio, sobrenatural, que lhe cumpre realizar acima de tudo e contra tudo. Não é ele que existe para o Estado, mas o Estado que existe para lhe assegurar as condições de realização desse destino.

Verdadeiramente, o cristão só tem um senhor: Deus; só tem um chefe, que segue absolutamente: Cristo; só tem um mestre infalivel: a Igreja.

Origem divina dos direitos do homem

16. E' bem verdade que são os direitos de Deus que fundam os direitos do homem. Todo o materialismo, marxista ou estatolátrico, acaba por absorver a personalidade humana, sacrificando-a á sociedade, como a parte ao todo.

Quando, porém, se crê (como a Igreja ensina) que o negocio supremo, — verdadeiramente unico, como diz o Evangelho — é a salvação da alma, e esta custou ao Filho de Deus encarnado o preço do Seu Sangue, o homem adquire um valor que nada no Mundo iguala.

Este destino recebeu-o do proprio Deus. Implica direitos essenciais á pessoa humana, anteriores ao Estado — ou seja aqueles meios absolutamente necessarios á sua realização, como a inviolabilidade da vida e a liberdade da consciencia, religiosa e moral (a qual é a tradução juridica do dever indeclinavel de obedecer a Deus).

Nenhum poder humano pode legitimamente atentar contra eles.

Mas, quando se nega a Deus, o homem passa a ser apenas um elemento do corpo social: pertence-lhe absolutamente e, com impiedosa logica, é sacrificado ao bem do todo. A sua vida, e dignidade, e consciencia, e liberdade carecem de fundamento e garantia: existem apenas na medida do interesse social.

¿Não começamos nós a assistir á triste absorção da pessoa humana pelos mitos do nosso tempo: a classe, a raça, o Estado neo-pagão?

A liberdade e dignidade do cristão

17. ¿Como é possivel que os cristãos não sintam vivamente, perante a escravidão e aviltamento a que o materialismo ateu reduz os homens, a graça da sua regeneração em Cristo?

Comunica-lhes Cristo a sua vida, tornando-os participantes da natureza Divina, verdadeiros filhos de Deus, destinados a gozar da felicidade eterna.

¡Quem pudera aqui exprimir adequadamente a dignidade a que o homem é exaltado! Para bem a compreender, seria preciso compreender a infinita grandeza de Deus.

Esta dignidade eleva e ennobrece a vida toda do homem.

Unido misticamente a Cristo, como o ramo á cepa, o cristão torna-se o associado do Redentor na obra da Redenção. A sua missão no Mundo é semelhante á de Cristo.

Filho de Deus, traz em si o Nome e a vida do Pai Celeste. Zelar e servir a Sua divina gloria é grato mas imperioso dever filial.

As suas acções, ainda as mais modestas, participam da dignidade e do mérito das acções de Cristo. O cristão fiel não pode deixar de viver sublimemente, com uma grandeza divina.

Por isso só ele não obedece nunca senão a Deus quando obedece (como ensina S. Paulo), e jamais pode ser escravo. Não pode ele transportar para nenhum chefe humano o dom inteiro de si que deve a Deus.

V — Acção Catolica

A reforma cristã, base necessaria de todas as reformas

18. Na Encíclica *Quadragesimo Ano* o Supremo Pontifice ensina que, sem a reforma cristã dos costumes, nenhuma outra reforma das instituições será eficaz: equivalerá a edificar sobre areia.

Na origem dos «gravissimos defeitos» da economia moderna como dos movimentos anti-cristãos que ameaçam subverter a propria ordem social está (como vimos) a descristianização das instituições e a apostasia pratica dos cristãos.

Não pode haver ordem estavel na sociedade, se houver desordem nas almas. E a ordem nas almas só a pode haver restauradas estas em Cristo, que as regenera das consequencias do pecado original reintegrando-as no seu destino sobrenatural: — submissão da carne ao espirito e do espirito a Deus: só então o homem é verdadeiramente homem.

Urge, como primacial dever, renovar a vida cristã, atacando o mal na raiz. O mundo moderno «em grande parte regressou quasi ao paganismo».

Só o regresso da vida social e privada a Cristo poderá salvar os homens e a sociedade; doutra sorte, além da paz e da liberdade, perder-se-á o sentido da dignidade humana e apagar-se-á a chama da caridade. «Procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo o mais vos será dado por acrescimo», diz o Evangelho (1).

A Acção Catolica, meio providencial de renovação cristã

19 A isto vem providencialmente a Acção Catolica, cujo pensamento o Santo Padre Pio XI atribui a iluminação do Espirito Santo.

As circunstancias do mundo actual em grande parte repaganizado exigem a cooperação de todos os cristãos na obra apostolica da Igreja.

A' poderosa investida satanica do ateismo e da imoralidade, que tem ganhado até muitos dos que se dizem cristãos, não

(1) *Quaerite ergo primum regnum Dei et iustitiam eius: et haec omnia adjicientur vobis.*—Mt. VI, 33.

basta opor uma acção individual, desorganizada.

A Igreja chama todos os seus filhos a tomar parte na sua missão apostolica, em formação cerrada, para a defesa e dilatação do reino de Deus: ou seja, a defesa da moral e da religião cristã, a cristianização dos individuos, das familias e da sociedade, a solução cristã dos problemas social, politico e internacional.

Numa palavra, trata-se de restaurar tudo em Cristo, o Homem-Deus, em quem a humanidade atinge a perfeição—e, portanto, a solução dos problemas essenciais que a afligem.

Natureza religiosa da Acção Catolica

20. Esta missão apostolica recebeu-a de Cristo a Igreja,—e ninguem pode impedi-la nem substituí-la. Tem-na como missão propria, por um mandato divino. Sem traição não poderia abdicar dela.

Ao Estado que respeite a Cristo cumpre-lhe reconhecê-la e garanti-la. Não tem autoridade para usurpá-la nem para proibi-la.

Não tem faltado em nossos dias ao Estado de tendencias totalitarias a tentação de o fazer, pelo menos no que respeita ás organizações da Acção Catolica.

Bem merece o Estado que reconhece e assegura a instrução religiosa da juventude. Os que o não fazem, em obediencia ao principio anti-cristão do laicismo, não só procedem nisto apostatando de Cristo, pois desprezam e contradizem o Seu divino ensinamento, mas desarmam e pervertem moralmente a mocidade.

Mas as organizações oficiais do Estado, ainda quando tenham instrução cristã, não podem confundir-se com as da Acção Católica nem prescindir delas.

Naquelas a instrução cristã é um elemento da sua formação, apenas, (que, aliás, a experiencia mostra insuficiente para a sua completa formação cristã); essas organizações oficiais têm uma natureza politica (no sentido etimologico da palavra), visam fins temporais, integram-se no Estado. Tem sucedido até, frequentemente, serem prejudiciais á perfeição do espirito e vida cristã, desenvolvendo sentimentos de violencia e estancando no coração a fonte da vida sobrenatural.

As organizações da Acção Católica, porém, são de natureza religiosa, visam fins sobrenaturais, integram-se na Igreja como orgãos de apostolado. E, em especial, as da mocidade destinam-se á integral formação católica dos jovens.

Esta formação não a pode, não a sabe fazer o Estado, ainda que fosse cristão. E' o privilegio, é a obra exclusiva da Igreja, que possui o espirito e a graça de Cristo. E' de ordem sobrenatural: entra no numero das coisas que pertencem a Deus.

Não se faz exclusivamente com lições teóricas que tocam superficialmente na inteligencia: exige uma prática profunda e intensiva que atinja o mais profundo da alma. Carece de ser uma vida—vida intensa, vida exuberante, vida irradiante. Não apenas uma convicção, mas um cristianismo vivido. Numa palavra, carece da intimidade quente do Coração do Divino Mestre Jesus.

A Acção Catolica é a organização oficial do apostolado

21. A Acção Católica, segundo a própria definição do Augusto Pontifice, é a participação dos leigos no apostolado hierarquico.

Este apostolado confiou-o oficialmente Cristo aos seus Apostolos. Dêles o receberam, por uma sucessão ininterrupta, os Bispos—que são os seus sucessores autenticos. Os Bispos, em união com o Papa, sucessor de S. Pedro, o Principe dos Apóstolos, constituem a Hierarquia que governa a Igreja: a ela pertence organizar o apostolado católico.

A Acção Cotólica é a organização deste apostolado na nossa época. Por ela a Hierarquia associa os leigos á sua missão apostolica.

Esta associação faz-se por uma verdadeira investidura, no quadro e segundo as condições por aquela estabelecidas.

Toma assim um caracter publico. O apostolado da Acção Católica não deriva da iniciativa dos leigos, como qualquer forma do apostolado privado: é a Hierarquia que os chama a cooperar com ela, dando-lhes parte no seu proprio apostolado.

O que há de novo no apostolado da Acção Católica é esta organização oficial pela Igreja. O apostolado existe desde que há cristãos, pois é manifestação necessaria da vida cristã: a novidade está em que a Igreja oficialmente o organiza e disciplina agora.

Tocar nas organizações da Acção Católica é tocar, pois, na propria Igreja. Representa atentado contra a vida da Igreja, semelhante ao que os Estados liberais cometeram contra as ordens e congregações religiosas.

O apostolado é dever necessario da vida cristã

22. «O apostolado, disse-o o Vigario de Cristo na Carta ao Cardial Patriarca de Lisboa, é dever necessario da vida cristã».

O apostolado catolico, na sua essencia, é manifestação e medida da vida cristã nas almas. Onde não há, de algum modo, vida de apostolado a vida cristã ou não existe ou acha-se entibiada. «Não pode conceber-se a vida verdadeira sem acção», segundo a palavra do Papa.

Anda por aí muito citada aquela frase de que o apostolado é como um cálix trasbordante de Cristo. Deriva da superabundancia da vida cristã.

Mas esta aumenta justamente na medida em que se dá. O apostolado é exercicio que desenvolve e aumenta a vida. Sem ele a vida cristã definha, como fogo que se vai apagando.

O cristão recebeu o dever desse apostolado com o caracter do Baptismo, que o une e associa a Cristo, e com o caracter da Confirmação, que o faz soldado de Ele.

Exercer o apostolado é para o cristão forma eminente de viver cristãmente; mais: forma necessaria.

A' Acção Católica está reservada a apostólica missão de intensificar a vida cristã no mundo contemporaneo. Forma os cristãos, fazendo-os viver plenamente o ideal cristão.

As organizações da Acção Católica são o quadro oficialmente estabelecido para a completa formação e irradiação cristã dos leigos.

Ou, como disse a Portugal o Sumo Pontifice: «entre as multiplices formas de apostolado que estão á mão de todos, e certamente beneméritas todas elas da Igreja, a Acção Católica é a que mais apta e eficazmente atende e remedeia as novas necessidades dos nossos tempos, tão afligidos pela mortifera influencia do laicismo» —que nega Deus.